

Rua Itanhangá 33  
Apart. 603  
Copacabana  
(Brasil)

Caro Ferrater Mora

Rio-24-11-55

Acabo de receber a sua carta. Envio-lhe notas a respeito de minha carreira filosófica para o seu "Diccionario". Naturalmente você escolherá aquilo que lhe aprouver, tende para isso toda a liberdade, inclusive a de substituir os tópicos por outros que lhe pareçam mais interessantes. Espero remeter-lhe nesta semana uma via do segunda prova dos "Elemento de Metodologia Filosófica" para o desejado prefácio.guardo a sua análise crítica de meu livro com o moito interesse: não hesite em discordar daqueles pontos ou trechos que, no seu conceito, parecerem menos defensíveis.

A resenha da "Lógica Matemática" será enviada á "Revista Brasileira de Filosofia" para publicação. E incluí a leitura deste livro que, na minha [...il-legible], representa uma dos contribuição mais valiosas ao esclarecimento do problema até agora publicados. É admirável pelo clareza, precisão e rigor na exposição dos temas.

Estou [...il-legible] á Filosofia Científica" que talvez seja de algum proveito para o seu trabalho de revisão do "Diccionario".

Com os meus cumprimento á Senhora e filho, sou amigo e sincero admirador

[Signatura]

P.S. "dados" foram escritos á mão, porque a minha senhora adoentado não pode passá-los á maquina...

- Dados para o "Diccionario de Filosofia" de Ferrater Mora-

A minha carreira filosófica apresenta três fases distintas: 1ª) dogmática; 2ª) crítica; 3ª) sistemática. A primeira abrange o período em que dirigi a seção "Letras Estrangeiras" no suplemento do "O Jornal", refletindo-se também no meu livro de estreia "Seis Temas do Espírito Moderno" -S.E. Panorama Limitada- são Paulo- 1941- E característico geral dessa época na historia do meu espírito era o deliberado intento de formular uma teoria filosófica baseada no contato direto e imediato com os problemas da existência. Tratava-se de uma "filosofia concreta" que procurou colocar-se entre a fenomenologia husserliana e o existencialismo germânico, mantendo-se de certa forma independente desses dois movimentos de idéias. A filosofia concreta por outro lado pues tinha de comum com a posição de Gabriel Marcel, caracterizando-se pela insatisfação com as reivindicação do método científico de dos técnicas racionais e pela defesa vigilante dos valores culturais ameaçado por uma civilização mecânica.

Nessa primeira fase dogmática, incluiria o livro "Descartes e Bergson" -Editora Amigos do Livro- São Paulo – 1943-, embora nas suas páginas já se manifeste certo pudor par a posição crítica. O período crítico, porém iniciar-se com á redação de tese para o concurso de filosofia no Colégio Pedro II. Esse trabalho foi escrito em 1949, definido nitidamente a transeção assimilada para a atitude anti-dogmática. Refundido posteriormente e com o acréscimo de três capítulos está prestes a sair do pelo sobre o titulo de "Elementos de Metodologia Filosófica" -Editora Nacional- Rio de Janeiro- 1955- Nesta obra concretiza-se a tentativa de redução da filosofia ao método e do método á linguagem.

A distinção estabelecida por John Dewey entre o método matemático – formal e o genético –

funcional constitui o cerne do livro, sendo, porém, interpretada em sentido distinto daquele que lhe foi atribuído pelo autor de "Experience and Nature". O método básico da filosofia é o de síntese reflexiva, abrangendo o matemático – formal e o genético – funcional em seu contexto. Aplicado ao problema da causalidade e do espaço – tempo, ele permite a reconstrução lógica dos "operações" que estão na base desses conceitos e a reconstituição dos "processos" que explicam a gênese das referidas categorias ao conceito.

Nada disso impede que o método matemático – formal, consubstanciado na axiomática, possa aplicar-se aos componentes empíricos como acontece na tentativa de estender a técnica postulativa à física ou biologia. O método genético – funcional, por sua vez, seria utilizável nas disciplinas dedutivas, com a matemática, sobretudo na parte que se refere à formação dos conceitos analíticos e ao seu desenvolvimento progressivo. A técnica de generalização das estruturas matemáticas – formais depende do emprego desse instrumento genético – funcional.

Essa conclusão parece referendada pelos trabalhos recentes de G. Polya sobre a importância da indução e analogia em matemática. O raciocínio indutivo, perfeitamente redutível à técnica genética – funcional, vem valorizar o papel da conjectura na formulação da evidência de natureza analítica. O que Polya denomina a arte do raciocínio plausível apresenta perfeita conformidade com o procedimento genético – funcional. O domínio do conjectural e do plausível; porém, identificar-se inteiramente com a esfera de jurisdição das ciências empíricas.

Daí a redução por mim proposta do método matemático – formal à axiomática ou à lógica de um lado, e do método genético – funcional à técnica indutiva das ciências empíricas. A contribuição da psicologia, filosófica ou científica, para o esclarecimento dos problemas relativos à gênese e formação dos conceitos foi convenientemente realçada nos "Elementos". Entre as intenções deste livro, figura a de reivindicar para a psicologia papel importante na metodologia de síntese reflexiva. Negar, por exemplo, a relevância para a atividade especulativa das questões fronteiras entre a psicologia e a filosofia revela estreiteza mental ou disposição para o dogmatismo.

O tema da reversibilidade do raciocínio lógico – matemático reponta, frequentemente, nas páginas desta obra sobre a influência, porém, da crítica de Herbert Feigl, que ponderou ao autor os casos ou exemplo de proposição analíticas de natureza irreversível, foi acentuado nos "Elementos", sobretudo no capítulo "Matemática e Filosofia", que a reversibilidade caracteriza a prova ou demonstração do teorema. A técnica demonstrativa desenvolve-se através de proposições reversíveis que se estabelecem entre o postulado e o teorema e, posteriormente, entre o teorema e o postulado.

Trata-se de identificação entre o sistema postulativo e o modelo cibernético através do mecanismo de "informação" do enunciado antecedente (axioma) para o enunciado conseqüente (teorema), possibilitando pelo "feed-back", isto é, pelo regresso da proposição derivada à proposição dos "Elementos" manifestar-se, assim, em três campos diferentes 1) tentativa de redução da filosofia ao método do método, e à método à linguagem; 2) definição do método de síntese reflexiva 3) esclarecimento da questão de reorientabilidade em relação às operações lógico – matemáticas.

Os temas expostos nos "Elementos", porém, levam à definição de uma atitude filosófica que se concretiza na teoria do "objetivo crítico". O objetivismo crítico traduzissem, a formulação de uma objetividade funcional e relativa na base do conhecimento positivo. Essa mesma tese é retomada na "Introdução à Filosofia Científica" -Editora Nacional- Rio de Janeiro – 1956- que representa a fase sistemática de minha produção filosófica. Na "Introdução" procurei situar a Filosofia Científica na relação à cultura moderna mostrando que essa disciplina se aplica aos mais diversos domínios, desde a mecânica quântica até à questão da legitimidade do poder político.

Neste livro, tentei elaborar uma interpretação do enunciado condicional ou hipotético que permita distingui-lo da relação lógica de implicação. Reconhecendo que a expressão "Se..., então..." seria redutível à implicação sua terial (2) somente caso se trate de condicional no indicativo admito como necessário atender as situações em que a proposição hipotética se formula no modo subjetivo. Seria, assim, recomendável que o lógico atentasse nas diferentes formas do condicional

sobre o ponto – de – vista do pramático. A aproximação entre a lógica e a pramática, nesse particular, talvez fosse benéfica para ambos.

A contribuição mais relevante da “Introdução” consiste no tratamento lógico da relação de inferência dedutiva. O conceito de “dedução natural”, seguindo Gentzen, permite a formulação do raciocínio matemático em condições mais satisfatórias do que nas tentativas de Frege, Russell e Hilbert. Pois bem, nada impede que se procure obter um conceito lógico de “derivação natural” da linguagem comum, sem recorrer aos modelos de inferência da técnica puramente analítica.

Nesse caso, a derivação teria por suporte a relação lógica de coerência tão mal estudada pelos especialistas. Existem na linguagem coloquial, preocupação dominante em estabelecer o vínculo de coerência entre duas ou mais sentenças. O estilo discursivo, quando reverte a forma de argumento procura mesmo relacionar as proposições através do nexos implicativo do que aproximar-las, analogicamente, através da maior ou menor coerência entre o que elas enunciam. Os teoremas derivados não naturais incluídos no texto da “Introdução”, completam o trabalho acima esboçado.

O estudo da função da hipótese no contexto da teoria de nível superior (dedutiva) é da teoria de nível inferior (indutiva) representa outra contribuição deste livro que talvez convencesse destacar. O sentido e valor do método indutivo considerado como fase intermediária entre o sistema dedutivo e a verificação experimental na teoria de nível superior ou entre a observação empírica e a hipótese propriamente dita na teoria de nível inferior, merecem o mais amplo desenvolvimento nas páginas desta obra. Pudo isso significar o que se poderia denominar nova interpretação crítica da função do método indutivo.

Pode-se afirmar-se tanto os “Elementos” quanto a “Introdução” submetem a axiomática a tratamento exaustivo sobre o ponto – de – vista filosófico. É por isso que a parte referente às ciências empíricas ficou reservada para outro livro a ser publicado. Há entretanto em ambas as obras, acima referidas, frequentes alusões ao problema da teoria e da metodologia das ciências empíricas. A principal conclusão a esse respeito incluída nos “Prolegômenos” da “Introdução”, versa sobre a divergência de ordem epistemológica que se estabelecem entre o grupo das ciências naturais e o grupo das ciências políticas e sociais.

Verifica-se na teoria física ou biológica certa adequação aos seus enunciados nomológicos e às condições específicas de experiência. Ao tramitar, porém, para o campo da teoria social ou política o que se observa é o conflito aberto entre o que se enuncia como hipoteticamente verdadeiro e a realidade da experiência. A contradição entre a teoria política do marxismo e os resultados da experiência revolucionária na Rússia Soviética vem confirmar a interpretação proposta. O drama dos regimes democráticos consiste, precisamente, em encontrar os meios de conciliação entre o que se declara mais satisfatório como forma de governo e as possibilidades de realização prática dos princípios liberais.

Estabelece-se, assim, nos diversos países, uma espécie de tensão ideológica entre o que se deve realizar de acordo com os compromissos de ordem doutrinária, e o que se pode realizar de acordo com as contingências de ordem prática. Eis aí em breve resumo, um esboço dos temas discutidos na “Introdução”, ele servirá, pelo menos, para dar uma idéia da extensão do domínio abrangido pela Filosofia Científica, e das dificuldades que enfrentei na execução desse programa excessivamente ambicioso para as minhas escassas reservas intelectuais.

- Notícia biográfica: Nascido no dia 19 de fevereiro de 1908, na cidade de Cataguases- [...il-legível] – Gerais (Estado)- Brasil- Realizou em 1948 um curso sobre “Teoria do conhecimento” na Universidade de Columbia- Em 1953 conferências no “University College” da Universidade de Lourdes- Esta convidado para realizar um curso de “Introdução à Filosofia Científica” na Sorbonne em 1956-